

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

ADOLESCENTES E SEUS DILEMAS NA CONTEMPORANEIDADE

MORALIDADE E ADOLESCÊNCIA: UMA DISPUTA ENTRE O DEVER, O QUERER E O PODER

Flávia de Souza Otuka

Pontifícia Universidade Católica-São Paulo

CNPq

flavia.otuka@terra.com.br

Introdução

Este artigo relatará a pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência e, portanto, apreender os valores utilizados para a fundamentação das escolhas feitas pelos adolescentes. Para isto tornou-se necessária a utilização da categoria sentido. E, finalmente, a partir da análise dos sentidos, identificamos a aproximação ou o distanciamento dos sujeitos, ao que Agnes Heller (2003) denominou de particularidade e individualidade.

Apoiamo-nos na abordagem teórica da Psicologia Sócio-histórica e na Sociologia de Agnes Heller. Apresentamos a seguir as categorias sentidos e significados, subjetividade, necessidades e motivos, individualidade e particularidade utilizadas para fundamentar esse estudo.

Sentidos e Significados: unidade contraditória do simbólico e do emocional

As categorias sentido e significado são interdependentes, de forma que uma não existe sem a outra, apresentando, contudo, singularidades que impedem que uma dilua-se na outra. Os significados são produtos da história que permitem a comunicação, pois se referem aos conteúdos instituídos, “dicionarizados” e dotados de estabilidade. Os sentidos, formações passíveis de transformação, fluidas, inesgotáveis e menos dependentes das palavras que os significados, destacam, fundamentalmente, a configuração dos eventos psicológicos, a revelação do novo, ou seja, a singularidade



construída historicamente, já que são mediados socialmente sem, no entanto, constituírem-se fotocópias da realidade, pois estão associados às necessidades de quem os produz.

Um sentido não é alheio aos outros, sendo que estes são produzidos de forma simultânea, partindo das diversas esferas da vida do sujeito, de modo que um sentido não pode ser compreendido fora da sua relação com os outros. Logo, *“o sentido subjetivo é a integração de uma emocionalidade de origens diversas que se integra a formas simbólicas na delimitação de um espaço da experiência do sujeito.”* (González Rey, 2004, p.127)

Dado o caráter singular dos sentidos, sua configuração tem uma história única, relacionada à vivência subjetiva e peculiar de cada sujeito em particular, conseqüentemente, não encontramos sentidos universais, ainda que as mesmas condições objetivas sejam compartilhadas por vários indivíduos.

Ainda sobre os sentidos e significados, é válido ressaltar a importância da categoria subjetividade. González Rey (1999) afirma:

“La subjetividad representa un complejo sistema de significaciones y sentidos subjetivos producidos en la vida cultural humana, y ella se define ontológicamente como diferente de aquellos elementos sociales, biológicos, ecológicos, y de cualquier otro tipo, relacionados entre sí de una forma u otra en el complejo proceso de su desarrollo.” (p. 42)

Os processos de configurações da subjetividade se interpenetram e estão em constante desenvolvimento, estando estreitamente relacionados à sociedade em que está inserido o sujeito produtor de tal subjetividade. No entanto, a relação entre subjetividade e meio social não se assemelha à relação de reflexo especular, do social para o individual, sendo que

“la constitución de la subjetividad individual es un proceso singular, que se define no desde afuera en la compleja unidad dialéctica entre el sujeto y su medio actual, definida en término de sus acciones, a través de las cuales su historia personal y la del medio en que se desarrolla



confluyen en una nueva unidad, susceptible de constituirse a nivel subjetivo en la misma medida en que este medio es construido por el sujeto en términos no isomórficos con su constitución subjetiva.” (González Rey, 1997, p. 108)

Vista sob este prisma, a categoria subjetividade rompe com a tendência de dicotomização individual-social, interno-externo, subjetivo-objetivo.

Sendo nosso objetivo último a compreensão da constituição dos sentidos atribuídos ao longo das experiências vivenciadas pelos adolescentes pesquisados, e dessa forma, aproximarmo-nos das suas zonas de sentido, visto que este é o plano mais próximo da dimensão subjetiva e que com mais exatidão expressa o sujeito (Aguiar e Ozella, 2006), necessitamos desvelar os motivos e necessidades que se configuraram e orientaram a trajetória do sujeito.

Necessidades e motivos são, portanto, categorias que explicitam o movimento do sujeito na constituição dos sentidos e, assim, da sua dimensão subjetiva. Necessidade diz respeito à vivência não intencional do sujeito, repleta de tensão, instabilidade e desejo, está vinculada dialeticamente à realidade concreta em que o indivíduo está inserido, pois ao mesmo tempo em que esta a constitui, também cria formas de satisfazê-la. Aguiar e Ozella (2006) definem necessidade como

“um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vistas a sua satisfação, dependendo das suas condições de existência; (...) se constituem e se revelam a partir de um processo de configuração das relações sociais, processo este que é único, singular, subjetivo e histórico ao mesmo tempo (...) a constituição das necessidades se dá de forma não intencional, tendo nas emoções um componente fundamental.” (p. 228)

O estado de tensão mobiliza o sujeito a buscar meios para satisfazê-lo, porém tal estado ainda não direciona uma ação, este direcionamento só ocorrerá quando a necessidade configurar-se em motivos. Desse modo, os motivos são aspectos do mundo material que, por sua vez, são configurados pelo sujeito como tal, ou seja, como possibilidade de satisfação de suas necessidades. Nesse processo de significação e



configuração de motivos, a relação indivíduo/sociedade é dinâmica e permite a realização de *“uma atividade que vá em direção da satisfação de suas necessidades, esse movimento, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade.”* (Aguiar e Ozella, 2006, p. 228)

Desvelar a gênese desse processo possibilita apreender a constituição dos sentidos, que não quer dizer chegar a uma resposta única e completa, mas, na maioria das vezes, a respostas contraditórias e parciais, que apresentam indicadores das formas de ser do sujeito e dos processos vividos por ele. (Aguiar e Ozella, 2006)

Individualidade e Particularidade

Segundo Heller (2003), no homem coexistem as dimensões da particularidade e da genericidade. A particularidade é uma condição necessária para a atuação humana cotidiana, pois objetiva atender às necessidades de sobrevivência e está sempre orientada para o indivíduo. Por sua vez, a esfera do humano-genérico é orientada pela integração, pela *“consciência do nós”* (Heller, 2003, p. 36).

A unidade do indivíduo se dá com a integração da particularidade com a genericidade, desse modo, quanto mais unitária for a tendência de integração entre tais instâncias, mais o *“indivíduo tem liberdade (sempre relativa) de fazer escolhas, não é subjulgado por ditames internos ou externos dos quais não se apropria.”* (Patto, 1999, p.167) Chamamos de individualidade essa aliança entre as instâncias particularidade e genericidade, entendendo que a liberdade, que é sempre relativa, é um elemento fundamental, já que o indivíduo se apropria de determinados valores e não se apropria de outros, porque exerce um movimento crítico e consciente de análise dos valores norteadores das suas ações. Vale destacar que essa análise do sujeito é marcada pela sua subjetividade, que marca especialmente a condição de humano, pois nesse processo de *“tornarem-se seus”* valores e princípios, ocorre a transformação do social em individual. Na individualidade, além da liberdade, a consciência também tem importante papel, pois permite que o indivíduo identifique os determinantes das suas escolhas e as suas consequências e diante disso *“conduza sua vida.”* (Patto, 1999, p 171) Patto (1999) diz



que, *“na particularidade o indivíduo faz história, mas não sabe que a faz, o que não ocorre quando ele vive como individualidade; aqui ele faz história e sabe disso.”* (p.175)

Quando a particularidade prevalece demasiadamente sobre o humano-genérico, surge a necessidade da criação de normas e a adoção de valores que regulamentem o comportamento, a fim de que a particularidade submeta-se ao humano-genérico. (Heller, 2003) Da particularidade sobrepondo-se ao humano-genérico, surge a moral alienada. Nesse processo de alienação moral o homem assimila, sem exercer crítica, as normas sociais. Desse modo,

“la relación alienada se expresa en el hecho de que las personas normalmente ni siquiera notan, no se dan cuenta de interiorizar sistemas de valores radicalmente distintos, los cuales coexisten después en la particularidad en la más perfecta armonía.” (Heller, 1991, p. 149)

Ao alienar-se o homem orienta-se a partir de fragmentos do real, sem integrá-los na totalidade, assumindo, portanto, a parte pelo todo. Pouco utiliza a reflexão ao assumir valores e padrões de comportamentos, de forma que da individualidade vai se distanciando, pois como dissemos há pouco, são seus elementos constitutivos a liberdade de escolha (sempre relativa) e a consciência.

Dito isto, vale lembrar que a ética marxista é uma proposta que alude à tomada de consciência social, ou seja, das condições materiais, de produção e da ideologia da sociedade. A ética marxista é, portanto, a *“tomada de consciência do movimento que se humaniza a si mesmo e humaniza a humanidade.”* (Heller 1970, p.121) Vista sob esse enfoque marxista, a ética é uma práxis, pois não pode existir sem uma realização prática. (Heller, 1970) A esse respeito, Severino (2001) complementa que numa ética com enfoque praxista, o homem é visto, nem como totalmente determinado, nem como inteiramente livre, sendo a consciência a mediação que possibilita o equilíbrio entre a determinação externa e o livre-arbítrio. Nessa perspectiva, não pode ser considerada moralmente válida nenhuma ação que degrade o homem em suas relações, que reforce sua opressão e consolide a alienação. Percebemos que, sob este olhar, a ética está



entrelaçada à política, sendo área de apreensão e aplicação de valores nas relações sociais. A política vinculada à ética aponta que não se deve ater somente a critérios técnico-funcionais, mas deve-se ter o objetivo de constituição do humano-genérico.

A vida humana é repleta de processos de escolhas que envolvem a determinação externa e a autonomia do indivíduo. Todos os dias, em quase todos os momentos, nós temos que decidir entre isto ou aquilo. Dentre a diversidade de escolhas que enfrentamos, vivenciamos os dilemas éticos, ou seja, situações em que se apresentam duas possibilidades, nas quais somente uma é eticamente correta. No dilema ético entra em cena o conflito entre o ‘querer’, o ‘poder’ e o ‘dever’ de um lado e o conflito entre a vontade, a autonomia e a consequência, de outro. Ou dito de outra forma, deparamo-nos com o embate entre a particularidade e a individualidade.

Procedimento de obtenção de informações

Os sujeitos dessa pesquisa são estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior do estado de São Paulo. Optamos por sujeitos dessa faixa etária devido à especificidade da temática abordada, a qual exige um nível desenvolvido da capacidade de abstração, de reflexão e de argumentação.

Realizamos 3 encontros com um grupo de 10 estudantes. No 1º encontro foi veiculado o filme *O senhor das Moscas*¹. O filme constituiu-se como um recurso metodológico fundamental para o processo de obtenção de informações, pois trata de situações que expressam dilemas, e, por isso, intensa carga afetiva, que impulsionam o sujeito a aprofundar sua reflexão sobre os valores que fundamentam sua decisão. Desse modo, o sujeito é impelido não só a se posicionar, mas a revelar os valores que são constitutivos do seu movimento decisório. Além disso, acreditamos que o fato dos atores do filme serem adolescentes favoreceu a identificação da população estudada. No

¹ O senhor das moscas. Hook, H. EUA, distribuição Fox filmes, 01/01/90 DVD. 91 minutos, som, color, legendado e dublado. Sinopse: Um grupo de cadetes adolescentes são os únicos sobreviventes de um acidente aéreo. Eles se refugiam numa ilha desabitada, na qual se desenrolam conflitos éticos em busca da sobrevivência.



2º encontro realizamos uma discussão sobre o filme, de forma que os estudantes explicitassem suas percepções, sentimentos e posicionamentos acerca dos dilemas éticos contidos no mesmo. No 3º encontro demos continuidade à discussão suscitada no primeiro, entretanto de forma mais dirigida, visando esclarecer e aprofundar as informações anteriores, propondo situações relacionadas à discussão de temas como individualismo, submissão, coerção, concepção de homem e possibilidades de mudanças sociais, de forma que os estudantes manifestassem seus pontos de vista acerca dos mesmos.

Destes dois encontros em grupo, selecionamos dois sujeitos para a realização de entrevistas recorrentes de história de vida. No entanto, não descartamos as informações obtidas anteriormente no grupo de discussão. Elas foram articuladas no processo de análise, como mediações constitutivas do movimento do grupo de discussão, e, assim, do movimento de cada um.

Procedimento de análise

Utilizamos como procedimento de análise, o que Aguiar e Ozella (2006) denominaram de núcleos de significação. Os autores propõem que no procedimento de análise, devemos partir da palavra com significado, ou seja, das palavras contextualizadas na narrativa do sujeito e nas condições sócio-históricas em que são proferidas. Depois do material da pesquisa ser transcrito e após realizarmos reiteradas leituras flutuantes, a fim de apropriarmos-nos do conteúdo obtido, organizamo-lo em pré-indicadores, de modo a destacarmos e assegurarmos o empírico. De acordo com Aguiar e Ozella (2006), nesta etapa aglutinamos os conteúdos que aparecem com maior frequência, que estão carregados de emoção, que se mostram ambivalentes e que são importantes para o objetivo da pesquisa. Posteriormente, avançamos para a sistematização e organização dos indicadores, os quais contêm os elementos dos pré-indicadores. A etapa seguinte consistiu na organização dos indicadores, a fim de iniciar



o processo de articulação dos mesmos, que culminou no estabelecimento dos núcleos de significação.

Análise dos dados

Com o objetivo de analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, apresentamos, a seguir, um esforço analítico para articularmos as análises dos grupos de discussão com as interpretações das entrevistas individuais. Nesse processo de articulação, constatamos que o conhecimento adquirido por meio das entrevistas com os dois jovens permitiu uma melhor compreensão dos movimentos e contradições vividos por eles no grupo de discussão. O movimento reverso também se produziu, visto que a análise da situação de grupo permitiu-nos compreender melhor alguns elementos surgidos nas entrevistas individuais. Dessa forma, não pretendemos apresentar uma síntese dos principais elementos analisados, mas sim produzir um ensaio analítico que demonstre como a compreensão da constituição da dimensão subjetiva possibilita o entendimento do movimento peculiar do sujeito no grupo, assim como, evidenciar de que modo a compreensão dos movimentos grupais nos auxilia na compreensão das subjetividades individuais. Esse processo de integração consistiu num movimento analítico que partiu do todo para o particular e do particular para o todo. Nesse movimento, recorremos às informações analíticas da singularidade que auxiliaram a compreensão da participação do sujeito no processo grupal, assim como, às análises dos processos grupais que permitiram a compreensão da singularidade daquele sujeito.

Dessa forma, as análises dos núcleos de significação do grupo de discussão e das entrevistas individuais nos permitem dizer que os sujeitos da pesquisa apresentam uma visão naturalizada do ser humano. A concepção de infância desses sujeitos traz implícita a noção de que a criança é tomada por instintos apriorísticos, corruptíveis, necessitando, assim, de uma intervenção externa, que pode ser da família ou da educação de um modo geral, que favoreça o desabrochar de suas potencialidades internas. Fica explícita esta

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



concepção ao lembrarmos da crença de R². de que todos temos um lado negro e outro branco; no entanto, devemos esforçarmo-nos para atingir o equilíbrio entre eles, pois as “características negras” precisam ser superadas e transformadas, a fim de garantir o bem-estar do indivíduo. Assim como, na percepção de D. , em que a família é responsável pela transmissão de premissas morais, consideradas por ela necessárias para todo indivíduo, como não matar, não roubar, não julgar etc.

Além disso, da análise das discussões em grupo, apreendemos a crença de que há indivíduos portadores do bem e outros portadores do mal, reafirmando a crença da existência de uma ‘essência’ apriorística que determina o caráter e as escolhas do homem. Importante destacar que R. vislumbra a existência das duas naturezas, mas a ideia de uma natureza pré-existente permanece. D. mencionou que tem “uma coisa sua” anterior às suas escolhas que as determinam. “Essa coisa” determina tanto a escolha de um parceiro amoroso, como uma escolha profissional. Tentando escolher adequadamente uma profissão, D. recorre aos testes vocacionais, acreditando que estes instrumentos “captariam” sua suposta essência, orientadora de suas escolhas. Tanto R., como D. apontam a existência de uma capacidade quase instintiva de escolher as relações pautando-se no “olhar”. Analisamos que essa capacidade de escolher utilizando apenas o olhar, indica a existência da crença de que o homem carrega em si algumas pré-determinações inalteráveis, das quais não pode escapar, tratando-se, portanto, da crença de um homem naturalizado. O indivíduo parece, então, ter poucas possibilidades de modificar-se diante desse conteúdo apriorístico. R. considera que essa impossibilidade de transformação deva-se ao fato de que só é possível transformar aquilo criado por você mesmo, visto crer que o homem seja uma criação divina, não pode ser transformado, exceto por Deus.

A fatalização também surge quando concebem o homem como sendo totalmente determinado pelo meio em que está inserido. Isso fica evidente quando citam que a mídia é uma forte influência negativa, não podendo servir senão, para a constituição da

² Designamos R. um dos sujeitos participante do grupo de discussão e das entrevistas individuais.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



alienação do homem. R. acredita que a televisão, nos tempos atuais, seja extremamente prejudicial ao desenvolvimento humano. D³. relatou que pessoas, quando expostas aos conteúdos ruins da mídia, tornam-se “cabeças fracas”, pois esses conteúdos são de tal forma impingidos ao indivíduo, que este não consegue rejeitá-los. Sendo assim, desconsideram o movimento do homem na relação homem-mídia, como se o indivíduo não pudesse exercer a reflexão e o questionamento sobre aquilo que vê e ouve, como se fosse, portanto, um ser passivo frente à realidade. Importante destacar que D. e R., ao analisarem essas determinações nas entrevistas individuais, apresentam posições diferentes das apresentadas no grupo. R. ao mencionar a “influência” da TV na sua vida, analisa que na infância, a mídia exercia “influências” positivas, contudo, atualmente considera que a mídia é prejudicial ao indivíduo. Percebemos que o jovem acredita que independentemente da qualidade dessa “influência” midiática, ela afetará diretamente a vida do indivíduo, sem que a subjetividade exerça mediação para o estabelecimento desse processo. D., por sua vez, em alguns momentos da entrevista individual dá indícios de flexibilização na crença de que a mídia é apenas interiorizada e que, portanto, dispensa o movimento psicológico do sujeito.

Verificamos, também, que o grupo de adolescentes percebe o homem como totalmente determinado pela realidade externa, quando trazem a ideia de que todos têm que se conformar com a realidade, visto que sempre foi assim no processo histórico. Naturaliza-se o homem e o social, como se a história já estivesse pré-determinada, independentemente da ação humana e da relação do homem com a totalidade social. Diante da concepção de homem naturalizado, como ficam as questões relativas às mudanças sociais? Os jovens desta pesquisa percebem a necessidade de algumas mudanças sociais, no entanto, não conseguem visualizar formas concretas para sua efetivação. De um modo geral, o grupo recorre a iniciativas individuais para a implementação de ações que levem à mudança, como, por exemplo, economia doméstica do uso da água, para combater a degradação ambiental. Ainda restringindo-se

³ Designamos D. um dos sujeitos participante do grupo de discussão e das entrevistas individuais.



ao âmbito individual, R. tenta proteger as pessoas que estão ao seu redor e D. diz-se solidária.

As possibilidades de transformação social são, ainda, legadas a uma entidade abstrata, como o Estado ou políticos. R. deposita na implementação de um regime ditatorial a possibilidade de resgatar a tradição e, assim, modificar o mundo em que vivemos. D. em alguns momentos atribui a um ser abstrato e sobrenatural a única possibilidade de transformação da realidade. Nessa situação o homem não é visto como agente sobre o meio em que vive e o mundo parece ser regido por leis criadas por uma instituição abstrata ou sobrenatural que independem da ação humana. Desconsidera-se, portanto, a relação dialética de determinação homem-mundo. Ao permanecerem nas iniciativas individuais ou delegarem essa responsabilidade a entidades abstratas ou sobrenaturais, as soluções pensadas não abrangem os vários determinantes para a constituição da atual realidade e, conseqüentemente, os para a sua transformação. Dessa forma, não aparecem na discussão dos sujeitos elementos que vão além da aparência dos problemas, que revelem suas contradições. A absolutização dessa crença favorece a alienação da vida cotidiana, visto que os homens assumem como naturais e imutáveis situações que poderiam ser transformadas pelas suas ações. A mudança também é vista como um processo linear e sem contradições, de modo que o novo não pode coexistir com o já existente, assim como o já existente não pode gerar o novo. Sendo assim, a melhor solução identificada pelo grupo para resolver os problemas sociais seria “acabar com o mundo e começar tudo de novo”.

Essa percepção de que deveriam existir mudanças, mas, que na prática, dificilmente se efetivam, deve-se a subjetividades que estão sendo constituídas frente a condições sociais e econômicas, tanto as mais amplas, quanto as mais restritas, que impelem o indivíduo a atuar, predominantemente, no âmbito da particularidade, em busca da sobrevivência imediata. O indivíduo, ao focalizar suas energias para atender ao imediato, naturaliza a vida cotidiana, ou seja, perde a noção de processo, da construção histórica do presente e do futuro, não se percebendo parte integrante deste movimento de constituição da realidade. A manutenção das necessidades particulares, de que todos

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



os indivíduos são portadores, demanda grande parte das energias do homem, acarretando assim uma diminuição da reflexão sobre as consequências dos seus atos e sobre os valores adotados em suas ações. Isso gera uma moral alienada, ou seja, a interiorização de valores distintos, que coexistem harmonicamente, sem provocar conflitos e questionamentos no indivíduo. Nesse processo, em que a busca pela subsistência consome boa parte do tempo e das energias desse indivíduo, o grupo percebe o individualismo como a forma mais adequada para enfrentar essas condições adversas. Visando atender somente às necessidades particulares, o indivíduo orienta-se de modo cotidiano, em que a não-reflexão é característica principal, em situações em que se exige uma escolha consciente e a assunção das consequências das mesmas. A necessidade do “eu” sobrepõe-se à “consciência do nós”, sendo portanto, considerada válida a adoção de valores que aviltem uma coletividade, mas que ao mesmo tempo contribuam para a manutenção da sobrevivência do “eu”.

Ao orientarem-se mais sob a égide da particularidade, que da individualidade esses adolescentes produzem significações em que a democracia e os interesses de uma coletividade são valorados como ideais, porém não aconselháveis, visto que envolvem riscos das mais diversas naturezas, desde a perda de um emprego, até mesmo à perda da garantia da própria vida. Disso decorre o pouco interesse desses adolescentes pelo coletivo, pois aqueles que o fazem sofrem consequências negativas ao apresentarem comportamentos democráticos, pacificadores e engajados. R. relatou que ao posicionar-se, no seu trabalho, em favor de uma amiga que estava sendo, injustamente, acusada, foi demitido. Assim, insere-se o medo nas significações sobre a realidade e torna-se o norteador das escolhas nos mais diversos âmbitos da vida dos adolescentes dessa pesquisa. Vale ressaltar que o medo está pautado numa situação cotidiana real, visto que essa violência não é uma possibilidade remota, mas parte integrante do cotidiano desses jovens. Cabe destacar que até mesmo R., um dos únicos a pensar de forma diferenciada no que se refere a posicionar-se em favor de outra pessoa, também é afetado pelo sentimento de medo, pois apesar de exemplificar vários episódios em que se comportou em favor de outros, na situação em que o colega L, foi agredido por ser homossexual,

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



reconheceu não se posicionar em seu favor por temor. Isso remete-nos a pensar que o grupo aproxima-se mais do âmbito da particularidade, que do da individualidade, pois nessa disputa entre o “querer fazer”, o “poder fazer” e o “dever fazer”, na idealização predomina o “querer”, mas na prática prevalece o “poder”.

Sabemos que as nossas condições são pouco favoráveis para a constituição do humano-genérico, como diz Singer (2005), antes de contribuir para alguma mudança, a juventude precisa ser ajudada. Contudo, diante das restrições, é possível e necessário que o indivíduo compreenda e se aproprie dos determinantes das situações coercitivas e opressoras e isso, de alguma forma, proporciona uma elevação da particularidade para a individualidade, embora em grau restrito. Frente a essas condições concretas de existência, o indivíduo, a fim de garantir a sobrevivência, tende a atuar mais no âmbito particular. Constituem-se, portanto, subjetividades em que a individualidade, ou seja, a busca pelos interesses coletivos mais amplos, tem pouco espaço de efetivação. Sendo assim, fomenta-se um terreno propício para a naturalização do humano e dos determinantes sociais, desconsiderando a historicidade envolvida nesse processo. Dessa forma, não nos surpreende que se observe no grupo a crença de que o individualismo é a melhor resposta, assim como, a de que o esforço próprio é capaz de garantir a ascensão social, ou ainda, a de que haverá uma “solução mágica”, independente da mobilização da sociedade.

A família e os amigos são lembrados pelo grupo como determinantes de suas escolhas. A família é vista como uma instituição com grande força moralizadora, no sentido de ensinar o adequado cumprimento das regras sociais. Importante destacar que tanto D. quanto R. não atribuem a eleição de seus valores norteadores à família, mas gostariam de ter tido a instituição familiar como referência. D. fala que aprendeu com a família o básico, como dito anteriormente, princípios como não matar e não roubar. A adolescente julga que sua família é incapaz de oferecer orientações para sua vida, devido à suposta ignorância do pai e do isolamento social em que ele se coloca. R. disse que a família pouco contribuiu para o desenvolvimento de suas referências valorativas, restringindo-se a ensinar as regras para ser um bom menino. Identificamos que o

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



grupo tem um papel importante na constituição dos adolescentes da pesquisa, principalmente, no que se refere à adoção de valores e condutas distintos dos de suas famílias. Os grupos de pares parecem ser determinantes na constituição da subjetividade de D., visto que a adolescente encontra nesses agrupamentos a possibilidade de diferenciar-se de seu pai. Para R. os grupos configuram-se em motivo, ou seja, são significados como sendo capazes de atender suas necessidades de ser protegido e de ser protetor.

A significação da adolescência do grupo também traz em seu bojo a ideia de um homem naturalizado, que tem uma essência que o predestina a ser problemático nessa etapa do desenvolvimento, assim como, percebem o adolescente como um ser despreparado para assumir-se como protagonista social. D., fazendo menção a sua adolescência, diz que não foi uma jovem problemática e R. não viveu uma adolescência “normal” porque sempre foi “meio adulto para sua idade”. Apesar de D. e R. trabalharem, exercerem o direito ao voto na escolha de representantes políticos, de se engajarem em movimentos musicais e de realizarem diversas atividades consideradas do mundo adulto, a ideia de adolescência como despreparo persiste.

Sobre o significado da adolescência para esse grupo, cabe ainda destacar que, concomitante à ideia de que a adolescência é um período de preparação para o exercício social está a de que, exatamente por isso, os adolescentes podem realizar ações de reivindicações de mudanças, visto que ainda não têm um status social valorizado a pôr em risco. Dessa forma, R. um dos únicos a apresentar algumas ações em favor de outro, disse que tem procurado aceitar as “coisas” à medida em que está “crescendo”. Outro aspecto a ser destacado sobre a significação da adolescência nesse grupo é a percepção de que as gerações jovens passadas eram mais conscientes e participativas que as dos tempos atuais. D., por exemplo, tem como referências musicais apenas artistas de gerações passadas, considerando que apenas eles eram capazes de produzir boa música. R. lembra dos Caras pintadas como símbolo de contestação. Essa percepção é ideológica, pois alguns grupos minoritários de jovens do passado são tidos como expressão de toda uma geração. É igualmente ideológica ao transmitir a mensagem de

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



que, apesar de existir uma juventude contestadora, esta não é capaz de mobilizar mudanças efetivas, visto que se vive hoje num contexto social repleto de situações que necessitam ser modificadas. Isso reafirma a naturalização dos acontecimentos, das relações e das condições sociais, deixando implícita a ideia de que, independentemente da ação humana, o mundo seguirá um curso pré-determinado.

Associada a essa concepção naturalizada de indivíduo, encontramos a crença numa concepção liberal de homem, a qual acredita que o oferecimento de oportunidades proporciona igualdade entre todos os indivíduos de uma sociedade, tornando-os, portanto, aptos para o sucesso. O estudo, nessa conjuntura, aparece vinculado a uma concepção liberal de homem, pois se constitui como a principal ferramenta para garantir a igualdade de oportunidades. Nesse contexto o desemprego é analisado como uma falta de competência individual e não como um problema social. Essa crença na falta de competência individual pode ser percebida, não apenas como uma inabilidade para exercer determinada função, mas, como aponta D., na incapacidade de escolher acertadamente uma profissão. Em ambos os casos persiste a ideia de que está no indivíduo a falha e não no social e reforça-se a crença de que o estudo e o esforço pessoal bastam para conquistar o almejado sucesso profissional.

Disso decorre a confiança exagerada depositada na educação, que é vista como o grande instrumento para a ascensão pessoal. Visando ascender socialmente, por meio dos estudos, os jovens dessa pesquisa percebem o conhecimento escolar como um instrumento para obter um emprego. Dessa forma, o conhecimento é destituído de seu caráter mediador para uma ação mais consciente e efetiva no mundo. R. relatou que apenas conseguiu entender a realidade política e econômica com uma professora de geografia, no entanto, esse entendimento se dissipou com a saída da professora. A compreensão do mundo declinou, mas as notas permaneceram altas. D. e R. esperam que o trabalho possibilite o financiamento da faculdade e depositam nele a satisfação da necessidade de independência.

Apesar de depositarem tantas expectativas nos estudos, para a aquisição de um emprego e de uma condição social e econômica melhor, os sujeitos de nossa pesquisa

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



não se interessam pela escola. O objetivo escolar fica restrito a tirar notas boas, “passar de ano” e obter um diploma, acreditando serem estas as exigências para se conquistar um emprego. Além disso, esperam que a educação seja a panaceia para os problemas sociais, demonstrando um otimismo exagerado nessa instituição, atribuindo-lhe poderes que não possui. Vale destacar que D. e R., assim como o demais adolescentes do grupo de discussão, não consideram que a escola tenha sido determinante no desenvolvimento de seus sistemas valorativos. D. e R., apesar de mencionarem professores que exerceram papel fundamental na constituição de subjetividades reflexivas, percebem que, de um modo geral, a escola não está preocupada com a formação de pessoas que compreendam e promovam questionamentos sobre a realidade em que estão inseridas. D. percebe a escola como um meio para aquisição de um trabalho, enquanto que para R. a escola é um local para fazer amizades e aprender alguns princípios de sociabilidade.

Acreditamos que a escola possa dar inegáveis contribuições para a formação do indivíduo, no que tange à constituição de princípios éticos e morais, pois está inserida na cotidianidade, esfera em que prevalecem a mesmice e a não-reflexão, mas também onde circulam os afetos e as contradições. Essa contradição pode gestar a possibilidade de ações humanas inovadoras, assim como o questionamento que favorece a desnaturalização desse modo de relacionar-se na cotidianidade e, portanto, a elevação das ações para além dessa cotidianidade. No entanto, para esse grupo de adolescentes, a escola figura um papel secundário na constituição de valores orientadores da escolha moral. Atribuímos isso à realidade específica da comunidade escolar em que estes jovens estão inseridos, que oferece poucos espaços de discussão e participação discente, assim como, privilegia métodos educacionais em que a reflexão é pouco exigida. Sendo assim, essa escola mais reproduz as situações cotidianas e os modelos de interação dessa esfera, do que favorece a criação de novas possibilidades de enfrentamento, menos cristalizadas e estereotipadas, que denotem uma suspensão da cotidianidade.

Frente a situações de violência, miséria e descrença na possibilidade de um mundo melhor, a religiosidade surge como um elemento que ameniza o sofrimento. A religiosidade é um fator bastante importante na constituição das subjetividades dos



adolescentes da pesquisa. As igrejas são vistas como instituições de contestação dessa realidade cruel, devido aos princípios cristãos que veicula. Identificamos vários princípios religiosos nos relatos de D. e R., e muitos deles orientadores das suas escolhas; como não julgar o próximo e tratar o outro “como a ti mesmo”. Ou ainda, não tentar mudar aquilo que Deus criou.

O prazer é outro orientador das escolhas, e estando no âmbito do particular, visto que nos remete ao imediato, ao “aqui-e-agora”, implica numa despreocupação com o depois, com as consequências. Pautar-se apenas pelo prazer, também favorece a instalação de uma alienação da moral, pois valores antagônicos podem ser assimilados sem que isso cause conflito ao indivíduo. Das entrevistas com D. e R. depreendemos que o prazer é preponderante em alguns processos decisórios, configurando-se como figura, enquanto que a razão parece ser o fundo. Enquanto D. escolhe os grupos de pares, fundamentando-se basicamente no prazer que eles lhe proporcionam, R. dirige grande parte de suas ações para garantir o bem-estar das outras pessoas, o que por sua vez, lhe traz muito prazer. A orientação, pautando-se basicamente no prazer, aproxima-se da concepção de que a criança tem uma natureza instintiva corruptível, pois não é guiada por sua razão e sim pelos sentidos. Sendo a adolescência o período imediatamente posterior ao da infância, pode significar que presente, ainda, resquícios dessa natureza infantil.

Apesar do prazer, na maioria das vezes, ser preponderante, não podemos deixar de mencionar que, tanto D., quanto R. percebem a importância do exercício da reflexão. Além disso, apontam situações em que a reflexão torna-se figura no processo decisório. Os dois adolescentes relataram que procuram ter vários pontos de vista acerca de determinadas situações, vislumbrando as várias possibilidades de ação. Importante destacar que a reflexão na vida de R., tem sofrido uma resignificação, pois seu uso o tem afastado de seus pares, também tem impedido o estabelecimento de ações eficientes no cotidiano e desencadeado um tormento mental. Acreditamos que esse processo esteja intimamente relacionado ao meio em que R. está inserido, que favorece significações de que a reflexão é desnecessária e até, mesmo, prejudicial para sua vida.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Conclusão

Ao término dessa pesquisa consideramos ser possível contribuir nos aspectos teórico e metodológico para posteriores produções de conhecimentos científicos. Acreditamos que, ao ampliar a compreensão do real, ou seja, ao produzir conhecimento fundamentado em categorias teóricas que possibilitam, não apenas descrever a realidade, mas principalmente explicá-la, seja possível proporcionar formas de intervenções mais efetivas, junto à população adolescente. Além disso, consideramos que esta pesquisa também possa fornecer contribuição metodológica, visto que as estratégias utilizadas nos grupos de discussão, associadas às entrevistas individuais, mostraram-se extremamente fecundas para estudar o fenômeno da subjetividade, em sua historicidade. Por meio dessa metodologia foi possível resgatar a gênese de algumas determinações das escolhas morais dos sujeitos pesquisados, transcendendo à aparência desse fenômeno psicológico, assim como, pudemos aproximarmo-nos de algumas zonas de sentido que, segundo González Rey (2005), são *“espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica.”* (p. 6.) Assim, ao produzirmos alguns espaços de inteligibilidade acerca da dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, articulando-os com a teoria, acreditamos que não finalizamos as múltiplas possibilidades desse estudo, no entanto, avançamos na produção de novos conhecimentos acerca dessa temática.

Bibliografia

AGUIAR W. M. J. e Ozella, S. (2006) Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*. **26**(2) 222-245.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



GONZÁLEZ REY, F. (1997) *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. São Paulo: EDUC.

GONZÁLEZ REY, F. (1999) *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC.

GONZÁLEZ REY, F. (2004) A emergência do sujeito e a subjetividade: suas implicações para a psicologia social. (pp 123-140) In: González Rey, F. *O social na psicologia e a psicologia social*. São Paulo: Ed. Vozes.

GONZÁLEZ REY, F. (2005) O compromisso Ontológico na Pesquisa Qualitativa. (pp 1-16) In: González Rey, F. (org.) *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de constituição da informação*. São Paulo: Ed.Thomson.

HELLER, A. (1991) *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Ed. Península.

HELLER, A. (1970) *O cotidiano e a história*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.

HELLER, A. (2003) *O cotidiano e a história*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.

PATTO, M. H. de S. (1999) A Teoria e a pesquisa. (pp. 163-190) In: Patto, M. H. de S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SEVERINO, A. J. (2001) *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água.

SINGER, P. (2005) Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. (p.27-36) In: Abramo, H. W. e Branco, P. P. M. (orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania/Ed. Fundação Perseu Abramo.